



**OBSERVATÓRIO
GÉNERO E VIOLÊNCIA ARMADA
CES** - Centro de Estudos Sociais - UC.PT

NEP

**Escola de Verão
O SEXO DAS VIOLÊNCIA(S)
OGIVA/NEP/CES**

Local: Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra, Portugal

Data: 9 a 12 de Setembro de 2009

1. Instituição organizadora

O Núcleo de Estudos para a Paz do Centro de Estudos Sociais, da Universidade de Coimbra (NEP/CES) tem já um percurso sólido de investigação nas áreas da paz e dos conflitos, particularmente no espaço das antigas colónias portuguesas.

Recentemente, o NEP/CES tem vindo a desenvolver investigação no domínio da violência armada, com um enfoque especial nas suas dimensões de género. Em 2005, o NEP/CES coordenou, em parceria com a ONG brasileira Viva Rio, o projecto “Mulheres e Meninas em contextos de violência armada: um estudo de caso sobre o Rio de Janeiro”, encontrando-se presentemente a desenvolver os projectos de investigação “Mulheres e violências armadas. Estratégias de guerra contra mulheres em contextos de não guerra” (Rio de Janeiro, São Salvador e Medellín) e “Violência e armas ligeiras: um retrato português”.

O Observatório sobre Género e Violência Armada (OGiVA) foi criado em Outubro de 2008, com o apoio da Fundação Ford Brasil. Tem como objectivo desenvolver estudos, análises e recomendações práticas para políticas e programas sobre feminilidades, masculinidades e (in)segurança em contextos de violência armada, pretendendo, por um lado, consolidar este campo de análise ao nível nacional e, por outro, constituir uma plataforma de articulação de pesquisas e projectos de intervenção sobre este tema na Europa, países africanos de língua portuguesa e países da América Latina. O OGiVA é membro da Rede de Mulheres da IANSA, a única no mundo dedicada às articulações entre género, direitos das mulheres, armas ligeiras e violência armada, e tem estado envolvido no processo das Nações Unidas para prevenir, combater e erradicar o comércio ilícito de armas ligeiras.

O Núcleo e o Observatório estão inseridos no Centro de Estudos Sociais, que tem vindo a desenvolver estudos interdisciplinares sobre as múltiplas dimensões dos processos de globalização e seus impactos, bem como sobre as tensões e actores principais da agenda Norte-Sul.

2. O curso

A pluralidade da(s) violência(s), em concreto da violência armada, manifesta-se em espiral ou em *continuum*. Muitas vezes, a violência da guerra corresponde à hiperconcentração de actos violentos do quotidiano, socialmente aceites. É fundamental questionar os filtros com que analisamos a distinção entre guerra e paz, desafiando as dicotomias micro-macro e público-privado, e sublinhando a disseminação de violência(s) a várias escalas. A análise da tipologia e características destas violências revela quão incompletas e artificiais podem ser as definições de *paz*, *guerra* e *pós guerra*. As expressões destas violências oscilam entre situações tão distintas como o conflito armado, a criminalidade violenta ou a violência doméstica.

Objectivos do curso:

1. Analisar transversalmente – através dos casos da Colômbia, Brasil, El Salvador, Guiné-Bissau, Cabo Verde e Portugal – as relações entre masculinidades, feminilidades e violências (os seus agentes, as suas estratégias e as suas vítimas) que afectam países e sociedades que vivem em contextos de guerra e/ou de paz;
2. Salientar as consequências da hipervisibilização segmentada da violência no silenciamento de vivências e actores destas violências e na formulação de políticas e mecanismos de prevenção e resposta a essas violências; promover a interligação entre investigação e acção e entre diferentes públicos/actores.

AGENDA

DIA 1 - 9 DE SETEMBRO DE 2009

Sala de Seminários do CES

SESSÃO 1 | VIOLÊNCIA(S): ENQUADRAMENTO

11:15 – 12:00 | *Violências na guerra e na paz*

José Manuel Pureza (NEP/CES)

Síntese da intervenção

- É importante questionar a construção moderna “guerra vs. paz”. Ao insistir na necessidade de analisar a “paz” e a “guerra” como uma linha de continuidade, cujo elo são as violências, dá-se visibilidade às guerras em contexto de paz formal e às pazes que coexistem na guerra.
- A literatura da resolução de conflitos parece querer atingir um ponto de “conflitualidade zero”, praticando uma retórica de anulação dos conflitos pela raiz. Não se pode, porém, confundir violência com conflitos. O que está em causa não é acabar com o conflito, uma vez que uma sociedade sem conflito é uma sociedade morta ou sufocada.
- A definição de violência apresentada por Galtung marca a reformulação do pensamento sobre violência ao exigir a amplificação do conceito. A proposta de redefinição da violência avançada por Galtung contempla “ofensas evitáveis às necessidades humanas básicas e à vida em geral, reduzindo os níveis de satisfação dessas necessidades abaixo do que é potencialmente possível”.
- Com base na identificação das violências segundo este entendimento e no reconhecimento da interacção/retroalimentação existente entre elas, questionam-se as imagens de senso comum do que se entende por guerra. Galtung distingue três tipos de violência: violência pessoal/directa (com rosto, com sujeitos determinados, física, a mais visível: o facto); estrutural (latente, difusa, sem rosto, sem autor individualizado: o processo); e cultural (legitimada, interiorizada e naturalizada: a permanência). A violência cultural pode legitimar a directa e estrutural ou, por outro

lado, as violências cultural e estrutural podem alimentar a directa. É importante re-ligar a violência directa às suas causas estruturais e culturais.

- Evolução cumulativa das concepções de guerra:
 1. “Velha guerra moderna”: delimitação clara das fronteiras entre público e privado, interno e externo, civil e militar, guerra e paz;
 2. “Novas guerras pré-modernas”: com os ensinamentos do Ruanda, Angola, Bósnia, Congo, esbatem-se estas dicotomias estanques e assiste-se a um multiplicar de actores, à privatização da violência, a um *continuum* geográfico, ao recurso a armas ligeiras e a guerras por recursos.
 3. “Velhas vs. Novas” guerras: reconhecendo-se os conceitos inadequados presentes nas velhas tabelas, defende-se a adopção do conceito de “guerra irregular” para descrever as que não se adequam aos conceitos tradicionais. Trata-se de uma nova geografia dos conflitos, que regista a aproximação entre as zonas de paz e de guerra.
 4. Proposta de adopção da terminologia “Novíssimas”. Este termo pretende dar conta da “normalidade” que caracteriza a actualidade violenta, pondo em relevo os *continuums* temporais, sociais e territoriais da violência transversais a contextos tidos como guerra, pós-guerra e não-guerra. Questiona a separação analítica entre a tradicional visão do que se entende por guerra e das formas anteriormente vistas como menores de violência, ao desafiar as dicotomias micro-macro, violência directa-estrutural/cultural.

Questões suscitadas pelo debate:

- É importante analisar as diferentes concepções de guerra como elementos que co-existem no tempo. Por exemplo, a conflitualidade urbana que caracteriza actualmente algumas cidades da América Latina coexiste com expressões de “velhas guerras” e “novas guerras”.
- É igualmente importante considerar as implicações políticas e sociais da linguagem, neste caso do uso do termo guerra. Muita conflitualidade social neste tempo é despoliticizada e, logo, criminalizada e, logo, re-hiperpoliticizada (com a atribuição do rótulo de guerra). Deste modo, é necessário considerar o contexto urbanístico dos espaços violentos; aliado à sua análise cultural.

SESSÃO 2: O SEXO DA PAZ E DAS VIOLÊNCIAS

15:00 – 15:45 | *O carácter sexuado das armas ligeiras*

Tatiana Moura (OGiVA/NEP/CES)

Síntese da intervenção

- Quer em contextos de guerra quer em contextos de não guerra, encontramos traços da construção de masculinidades e feminilidades. Permanece uma visão estereotipada que assenta na separação e identificação do espaço público como violento e masculino, e do espaço doméstico como pacífico e feminino.
- O carácter visível das armas ligeiras não é sexuado: as principais vítimas das armas são homens, os principais agentes/portadores de armas são homens e o espaço privilegiado para o seu uso é o espaço público, tradicionalmente associado ao masculino. O próprio fabrico, venda e procura das armas de fogo depende das construções dicotómicas de feminilidade e masculinidade.
- É assim invisível o papel das mulheres e os impactos que as violências têm nas mulheres. Um olhar sexuado para as armas ligeiras implica:
 - Ter em atenção que a presença das armas de fogo em casa aumenta em cinco vezes o risco de morte e que as mulheres são as principais vítimas mortais de violência doméstica por armas de fogo;
 - Pensar nas vítimas indirectas das armas de fogo – os e as familiares de vítimas de armas de fogo, como as mães, viúvas, irmãs;
 - Ter em conta a construção de feminilidades violentas e reactivas, nomeadamente pelo discurso recente de algumas correntes de feminismo liberal de legitimação da posse de armas/armamento enquanto forma de capacitação feminina, assumindo a mulher o papel protector até então tradicionalmente relegado para o homem.

15:45 – 16:30 | *Em pé de paz: pensamentos e práticas.*

Maria Vilellas (Escola de Cultura de Pau, Barcelona)

Síntese da intervenção

- É necessário repensar a visão tradicional da relação existente entre mulheres, paz e conflitos, na medida em que não existe um vínculo natural ou biológico entre mulheres e paz. Este carácter essencialista conduz a uma perpetuação do estereótipo ‘mulher pacífica’.
- É igualmente possível e necessário inverter esta divisão sexual do trabalho que afasta os homens de uma socialização que não condene a partilha dos espaços e dos poderes.
- A academia tem analisado os conflitos armados de uma perspectiva de género posicionando a mulher ou como incapaz, protegida e pacífica, ou como onnipotente e guerrilheira. Importa salientar que estas duas visões estão muito afastadas da realidade, que tende a situar-se numa posição intermédia. A análise de género não preconiza a criação de uma paz diferenciada para mulheres e homens. Procura, em alternativa, analisar as perspectivas e impactos diferenciados da guerra na vida de mulheres e de homens.
- Na relação com a paz, as mulheres têm sido muitas vezes capazes de criar pontes de diálogo e de empatia, transcendendo dicotomias e encontrando pontos comuns. Esta capacidade para estabelecer um discurso comum independentemente da comunidade étnica, religiosa ou linguística a que pertencem abriu espaço, inclusivamente, para intervir em negociações de paz.
- Impõe-se uma questão: não poderão os conflitos armados constituir uma oportunidade para a capacitação/empoderamento das mulheres? Constituirão uma oportunidade para aceder a espaços de poder que até então lhes estavam vedados, dando lugar à emergência de uma nova forma de activismo social feminino em contextos violentos?
- A resolução do Conselho de Segurança das Nações Unidas 1325 (2000) sobre Mulheres, Paz e Conflitos armados, a primeira a nível internacional a reconhecer os impactos específicos dos conflitos armados e situações de pós-conflito na vida de mulheres e meninas e os esforços encetados por elas no sentido de minimizar, combater e prevenir os mesmos, está ainda por cumprir enquanto instrumento internacional que legitime e constitua um mecanismo de obrigação dos governos para incluir a participação e protagonismo das mulheres. Importa pois fortalecer e valorizar uma diplomacia partilhada com as mulheres e respeitar e reconhecer as práticas de paz das mulheres que têm sido ignoradas.

Questões suscitadas pelo debate:

- É importante, enquanto parte da desconstrução da visão tradicional sobre mulheres-guerra-paz, reconhecer também os contributos de mulheres e grupos de mulheres na justificação da guerra e de métodos violentos de resolução de conflitos.

DIA 2 – 10 DE SETEMBRO DE 2009

Sala de Seminários do CES

SESSÃO 3: INVESTIGAÇÕES SOBRE MASCULINIDADES, FEMINILIDADES E VIOLÊNCIA ARMADA

10:00 – 10:45 | *América Latina: Estratégias de guerra contra mulheres em contextos de não guerra – Rio de Janeiro (Brasil), San Salvador (El Salvador) e Medellín (Colômbia).*

Sílvia Roque (OGiVA/NEP/CES)

Síntese da intervenção

- El Salvador como refém do ciclo de violências do pós-guerra ao não guerra.
- O controlo de masculinidades e feminilidades está no centro da existência e sobrevivência das *maras*, nomeadamente o controlo dos corpos e mentes das mulheres, quer no seu domínio territorial, quer no do adversário como forma de auto-reprodução e de afectar o adversário e a manipulação de feminilidades no seio das *maras*.
- Os papéis das mulheres nas relações com as *Maras*: as “contrarias”; as “civis”; as “homegirls”, as “hainas” e as “familiares”.
- A adesão às *maras* como mobilização: possibilidade de uma feminilidade diferente, em ruptura? Uma feminilidade masculinizada? Ou um prolongamento da feminilidade tradicional?
- A implementação de medidas institucionais de criminalização, prevenção e reabilitação (como os planos *Manu Dura*, *Super Manu Dura* e *Manu Amiga*) tiveram efeitos perversos, conduzindo a uma maior clandestinidade das *maras* e à adopção de novos papéis por parte das mulheres que se relacionam com as *maras* (nomeadamente o aumento da participação no transporte de droga para as prisões).

- Assistimos hoje a uma mudança política, com um novo governo de esquerda a suceder a duas décadas de políticas de direita. Paira um sentimento de curiosidade em perceber o que reserva o futuro (as primeiras medidas foram repressivas, no sentido de um aumento do policiamento nas ruas).

10:45 – 11:30 | *Portugal: Violência armada e masculinidades*

Rita Santos (OGiVA/NEP/CES)

Síntese da intervenção

- O uso e a posse de armas de fogo resulta, em grande parte, de uma construção género, que assenta na exacerbação da masculinidade hegemónica e militarizada, na qual intervêm homens e mulheres. As armas de fogo têm um papel simbólico, além de instrumental, patente na construção de identidades, e na forma como se constroem os relacionamentos entre pares e nas relações de intimidade:
 - Expressões de masculinidade culturalmente enraizadas, onde as armas são vistas como instrumentos para a obtenção de estatuto, poder e acesso a bens, associando-as à maturidade, estatuto, afirmação e virilidade;
 - Aos homens é associado o papel social de protectores (defesa pessoal e da família) e de familiaridade e fascínio com armas de fogo (nomeadamente colecionadores e caçadores, no caso português);
 - Mulheres e meninas colaboram na afirmação, construção e reforço desta masculinidade violenta nomeadamente pelo apoio ou pelo encorajamento do envolvimento directo ou subtil: (glamorização e aceitação da violência e do papel de protecção assumido por eles.
- É importante estreitar o hiato das análises de género sobre violência e exclusão social e masculinidades, dando visibilidade às histórias e vozes daqueles que resistem activa e conscientemente a versões rígidas e/ou violentas de masculinidade.

15:00 – 15:45 | *Guiné-Bissau e Cabo Verde: Trajectórias de disseminação e contenção da violência armada*

Katia Cardoso e **Sílvia Roque** (NEP/CES)

Síntese da intervenção

- Cabo Verde como país modelo, como o “bom aluno africano” das Organizações Internacionais devido à transição pacífica para o multipartidarismo, aos índices do acesso à saúde e educação, etc, comparativamente aos outros países da África Subsahariana; país com uma economia viável apesar da escassez de recursos naturais; Guiné Bissau como o “país desastre” que desde 1974 tem vindo a decair, considerado “Estado falhado” por não funcionar dentro dos cânones que conhecemos: o que explica a disseminação da violência juvenil na Praia e a contenção em Bissau?
- Cabo Verde:
 - Mobilização de grupos denominados *thugs*, associados à cultura hip-hop e aos deportados dos EUA;
 - Desemprego, insatisfação social, desordenamento urbano;
 - Mulheres alimentam a visão das masculinidades, assumindo o papel de auxiliares, de namoradas, de seres que necessitam de protecção e que glamorizam o poder e o acesso a armas;
 - Construção social e mediática da violência: imprensa como propagadora de uma sensação de insegurança, lançando o “pânico moral”;
 - Desapontamento com a justiça, levando em alguns casos a ponderar-se o recurso à justiça popular;
 - Estratégias de resposta passam por uma visão do sistema prisional meramente punitivo, precário, alertando a sociedade civil para a necessidade de mais investimento em penas alternativas.
- Guiné Bissau:
 - Factores de contenção: enorme controlo social (hierarquias etárias, peso da religião, proximidade e familiaridade, resolução pacífica e familiar de pequenas disputas), formas de integração e afirmação (rituais de iniciação, bancadas e solidariedade entre pares), cultura de aceitação do destino, de conformidade com a pobreza, a inacessibilidade das armas de fogo, a protecção e justiça popular e o monopólio da violência pelos mais velhos/militares.
 - Sinais de mudança: tráfico de droga (Guiné-Bissau como plataforma, ponto de trânsito), ainda controlado por militares; e presença de despojos da guerra: monopólio dos militares; pessoas por desarmar, traumas.

15:45 – 16:15 | *Métodos visuais de investigação*

Jacqueline Adams (NEP/CES)

Síntese da intervenção

- Entre os métodos visuais de investigação, que são de natureza qualitativa e complementar, encontram-se a *photo elicitation*; a recolha de documentos visuais; a análise de produção visual artística e a promoção da criação de imagens.
- A primeira técnica, *photo elicitation*, consiste em pôr a população-alvo a falar de fotos e elementos visuais a partir da sua experiência (por exemplo, a experiência particular da violência), constituindo, por isso, um meio de obter informação sobre a forma como vêem a realidade, qual o significado que atribuem à violência, quais as suas preocupações, etc.
- A técnica de recolha de imagens históricas em arquivos, imprensa, bibliotecas, cidades/populações contribui para um melhor entendimento da época (problemas, actores, etc.).
- A técnica que se reporta à análise de produção artística da população-alvo visa analisar as preocupações, problemas e mudanças nestas.
- Por fim, a promoção de produção artística por parte da população a estudar (desenhos feitos pelas pessoas, fotografias ou filmagens realizadas pelos sujeitos, entre outros) pretende conhecer e compreender experiências difíceis de expressar a partir do olhar interno e particular de quem as vivenciou.

Questões suscitadas no debate

- É importante considerar as implicações desta metodologia na vida das pessoas que a utilizam. Como metodologia, pode auxiliar as pessoas a expressar algo, mas é necessário interrogar o fim deste acto: por que é importante que se expressem? Só para que eu/a academia/as outras pessoas saibam?
- É perigoso instar a expressão de sentimentos, quando as pessoas não estão seguras de que o querem fazer e quando não têm capacidade/accompanhamento para lidar com os seus efeitos.

DIA 3 – 11 DE SETEMBRO DE 2009**Sala de Seminários do CES****SESSÃO 4: RESPOSTAS E ESTRATÉGIAS DE PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA ARMADA**

10:00 – 12:00 | *Apoio psicossocial a sobreviventes da violência armada*

Sol Yañez (Universidad Centroamericana “José Simeón Cañas”, El Salvador)

Síntese da intervenção

- Guerra em El Salvador marcada por violações massivas dos direitos humanos (tortura, massacres e desaparecimentos forçados), cujos efeitos se fazem sentir até hoje (perda, trauma e desintegração do tecido social).
- O acompanhamento ao grupo de familiares de vítimas da guerra, na sua maioria mulheres, é um trabalho multidisciplinar. Envolve advogados, psicólogos, educadores, especialistas em direitos humanos, contribuindo para trabalhar o trauma social e as competências de sociabilidade em grupo.
- O fortalecimento do grupo permite que se articule com outras organizações sociais e que tenha impacto na agenda política, nacional e internacionalmente (sistema interamericano de direitos humanos), na luta pelos direitos humanos e pela validação social da dor das vítimas.
- Este trabalho é feito sem qualquer tipo de apoio financeiro, sendo totalmente voluntário.

Tatiana Moura (OGiVA/NEP/CES)

Síntese da intervenção

- O projecto de apoio a familiares de vítimas de violência armada no Rio de Janeiro, Brasil, iniciado em 2006, resulta de uma parceria entre o Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra (Portugal) e o Centro de Estudos de Segurança e Cidadania, Universidade Cândido Mendes (Brasil), financiada pela Fundação Ford.
- Este projecto, que actualmente abrange um grupo de 30 familiares de vítimas, na sua maioria mães, visa apoiar a autonomização dos movimentos e grupos de familiares de

vítimas já existentes.

- Para isso, promove, além do fortalecimento psíquico e social das familiares - através de apoio psico-social e psicológico - o acesso à informação e à justiça, disponibilizando aconselhamento legal, assegurado pela ONG Justiça Global, e um curso de Promotoras legais populares, no qual são abordados conceitos básicos sobre direitos humanos, funcionamento de Estado e sistema judicial.

Síntese do debate

- A diferença entre estes movimentos em El Salvador e no Brasil neste campo reside na busca de visibilidade.
 - Em El Salvador, a visibilidade era um passo para o estigma. Avançou-se para uma fase diferente, para a qual contribuiu o historial de violência directa das participantes dos grupos de apoio e a crescente consciência do papel político-social que desempenham.
 - No Brasil, os grupos de apoio às familiares não são politizados, ainda que tenham conhecimento jurídico. Trata-se de uma sociedade onde não há a banalização da morte, é algo racional. Não receber ameaças de morte, como no caso salvadorenho, é revelador da invisibilidade do grupo de mães do Brasil.

15:00 – 17:00 | Desarmamento, desenvolvimento, prevenção

Ivan Ramirez (Observatório Infância e Violência Armada Organizada, Colômbia)

Síntese da intervenção

- Colômbia como país assolado por três problemas estruturais: território, desigualdades e drogas. Trata-se de territórios com pobreza e desigualdades crescentes, caracterizados por um deficit democrático, narcotráfico, corrupção e fácil acesso à produção, comércio e uso de armas ligeiras, onde convivem três realidades: conflito armado, violência armada e pós-conflito;
- Violência urbana tem sido considerada um problema de segurança e não social e político. Em virtude disto, as respostas têm-se centrado na criminalização e securitização, em detrimento da atenção integral ao problema.

Junior Perim (Crescer e Viver, Rio de Janeiro)

Síntese da intervenção

O papel do circo social no Brasil e no mundo:

<http://www.youtube.com/watch?v=GE1fsHtAVwc&feature=channel>

António Guterres (Centro de Experimentação Artística do Vale da Amoreira)

Mário Maia (Mediador da Associação de Planeamento Familiar da Curraleira)

Síntese da intervenção

- O projecto Sementes, cuja ideia surgiu da equipe técnica do Escolhas 1ª Geração, tendo sido apoiada pela organização Médicos do Mundo Portugal, pela Associação Sócio-Cultural Recreativa dos Melhoramentos de Faifa e pela Junta de Freguesia do Beato, é vocacionado para os jovens e crianças dos bairros de realojamento da Picheleira (antiga população da Curraleira e Alto do Pinto).
- Promover o sucesso escolar, prevenir o absentismo, vocacionar os jovens para uma ocupação que lhes seja útil (Emprego, Formação Profissional, Escola), criação de aptidão e certificação ao nível das tecnologias da informação, organização de espaços criativos e desportivos que promovam diferentes sensibilidades e prevenção na área dos comportamentos de risco e saúde comunitária, são os principais objectivos do projecto Sementes.
- São desenvolvidas diversas actividades escolares e lúdicas destinadas aos jovens, entre as quais Estudo Acompanhado; um Gabinete de Informação, Encaminhamento e Acompanhamento de Jovens; atelier de Acessórios e Costura para Jovens Ciganas e não Ciganas; Capoeira; Expressão Dramática; Videoteca; Espaço Internet para Jovens; e Aulas para Certificação de Competências. Futuramente, pretende-se criar uma estrutura autónoma que possibilite o futuro desenvolvimento e organização das actividades. A resposta a este desejo reside na criação de uma Associação Juvenil composta por elementos que tenham adquirido experiência junto das actividades do Escolhas ou noutras organizações.

Elisângelo Freire (Espaço Aberto/Safende, Cabo Verde)

Síntese da intervenção

- O Espaço Aberto é resultado da uma iniciativa “Escola da Paz” promovida em 2000/2001, em Safende, pela Comunidade Sant’Egídio em Cabo Verde, com o objectivo de apoiar, ajudar as crianças deste bairro e promover a solidariedade e a cultura da paz.
- O Espaço Aberto é um espaço de socialização entre jovens, estando igualmente vocacionado para o estudo orientado, capacitação tecnológica e acompanhamento ao nível da saúde.
- Entre as suas actividades encontram-se a promoção da actividade física (organização de jogos e campeonatos de basket e processo de oficialização da equipe de basket junto do AMIBASKET), a organização de cursos básicos de informática, cursos específicos para as mulheres (*Mudjer, kongi bu direitu*), sessões de educação para a saúde (SIDA, droga, álcool, etc.) e atendimento psicológico.

O principal contributo do projecto para a prevenção da violência passa pela disponibilização de um lugar anti-violência, pela oferta de alternativas não violentas e sem droga à ocupação do tempo, e pela socialização com pessoas que combatem a violência.

Marisa Matias (Eurodeputada)

Síntese da intervenção

- No decorrer do curso, foram abordados territórios feitos de especificidades, de momentos e de histórias particulares. Incidências que não são inevitabilidades, que são resultado de escolhas e de decisões de quem tem poder. E é aqui que reside a questão central: identificar quem tem o poder.
- Foi referido, muitas vezes, que as pessoas não reconhecem as instituições. Mas, não acontece igualmente o contrário? O excesso de absentismo não leva a modelos de desenvolvimento e políticas públicas generalistas que são aplicados de forma acrítica e indiscriminada nos diferentes territórios? Assim, ao promover medidas que invisibilizam os seus cidadãos, o Estado produz não-cidadãos. Trata-se de formas produção de não-existências, da institucionalização de não-cidadãos.
- Paralelamente, há uma cidadania insurgente, constituem-se comunidades de resistência, projectos que procuram resgatar os cidadãos e as cidadãs da vulnerabilidade em que se encontram, reconhecendo igualmente as suas vulnerabilidades diferenciadas.

DIA 4 – 12 DE SETEMBRO DE 2009

Casa da Esquina

SESSÃO 5: ABORDAGENS ALTERNATIVAS AO TEMA E DISSEMINAÇÃO

14:30: 16:00 | *Exibição do documentário “Luto como mãe”, de Luis Carlos Nascimento*

Luis Carlos Nascimento (Cinema Nosso, Rio de Janeiro)

16:30 – 17:30 | *Registos fotográficos: À vista desarmada – Violência e Armas ligeiras em Portugal*

Hélio Gomes

Apoios:

